

APRESENTADO POR **SESI SENAI CNI**

Ações para descarbonização marcam o Dia da Indústria na COP27

Debate promovido pela CNI no Pavilhão do Brasil aborda o protagonismo do setor industrial brasileiro no desenvolvimento de fontes renováveis de energia

O protagonismo do setor industrial brasileiro nas ações de redução da emissão de gases de efeito estufa no desenvolvimento de fontes renováveis de energia esteve em discussão durante a COP27, que acontece até sexta-feira em Sharm El-Sheikh, no Egito. Ontem, empresários, executivos, especialistas e representantes do poder público participaram da série de debates que marcou o Dia da Indústria, no Pavilhão do Brasil.

Mediado pelo presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (Fieb), Ricardo Alvarez Alban, o primeiro painel teve como tema “Ações para o desenvolvimento do mercado de hidrogênio verde no Brasil”. Obtido a partir da água por meio do processo de eletrólise, o hidrogênio verde não emite CO₂ e por isso é apontado como recurso fundamental para a descarbonização. É utilizado como combustível verde e como insumo nas indústrias química, petroquímica, siderúrgica, de cerâmica e de alumínio.

O debate teve a participação de Leone Peter Correia da Silva Andrade, dire-



Presidente da CNI, Ricardo Braga de Andrade, abre o Dia da Indústria na COP27

“A grande disponibilidade de energia eólica torna o Brasil um dos países mais competitivos no mercado de hidrogênio verde”
RICARDO ALVAREZ ALBAN
Presidente da Fieb

ação é a regulamentação, certificação e legislação do hidrogênio verde, indispensável na sua aplicação e garantia de retorno sobre os investimentos a serem realizados.

Segundo o presidente da Fieb, a grande disponibilidade de energia eólica torna o Brasil um dos países mais competitivos no mercado de hidrogênio verde.

— O Brasil também é um dos países que mais recebem irradiação solar. Outro fator fundamental é a elevada disponibilidade de água, indispensável à produção do hidrogênio verde. Já existem negociações com países europeus para exportação, principalmente França e Alemanha, que não são capazes de produzir toda a energia limpa necessária para suas economias.

tor de Inovação e Tecnologia do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) do Estado da Bahia; Jurandir Marães Picanço Júnior, consultor em Energia da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec); Viviane Mansi, diretora de Comu-

nicação e Sustentabilidade da Toyota América Latina e Caribe; e Leo Slezynger, diretoracionista da Unigel.

Alban mencionou as ações necessárias para impulsionar o mercado de hidrogênio verde no Brasil:

— A primeira é o desenvolvimento tecnológico das

diversas etapas de produção do hidrogênio verde, como a da geração de energia elétrica, a produção do próprio hidrogênio, diminuindo o capex (os aportes de capital) dos eletrolisadores e aumentando sua eficiência e estabilidade. Uma segunda ação é a forte

atuação sobre os *offtakers*, aperfeiçoando tecnologia para a utilização do hidrogênio como matéria-prima ou energia, principalmente nos setores de refino e petroquímico; na produção de amônia, ureia e fertilizantes nitrogenados; e siderúrgico. Uma terceira

Neutralidade climática é meta para o futuro

Investimento em tecnologia, mão de obra e expertise é essencial para avançar na transição energética

A transição da energia proveniente de combustíveis fósseis para a de fontes renováveis é um dos pontos mais importantes para avançar na redução da emissão de carbono, com expectativa de alcançar a neutralidade climática no futuro. Por isso, esteve no centro das discussões da COP27.

“Transição energética — o que isso significa para o Brasil?” foi tema do debate moderado por Davi Bomtempo, gerente executivo de Meio Ambiente e Sustentabilidade da CNI.

Participaram da mesa-redonda Julio Meneghini, diretor científico e executivo do Centro de Pesquisa em Inovação em Gases de Efeito Estufa (RCGI-Fapesp-Shell); Paula Kovarsky Rotta, vice-presidente de Estratégia, Meio Ambiente e Sustentabilidade da Raizen; Bárbara Rubim, vice-presidente de Geração Distribuída da Associação Brasileira de Energia Fotovoltaica (Absolar); e Fernanda Delgado de Jesus, diretora executiva Corporativa do Instituto Brasilei-

ro de Petróleo e Gás (IBP).

O Brasil tem posição privilegiada na geração de energia limpa. A participação de fontes renováveis na matriz energética brasileira é de 47%, enquanto o índice mundial é de apenas 14%. O país também produz um dos petróleos mais descarbonizados no mundo, com menor emissão de CO₂ por barril.

— Isso acontece por conta da alta produtividade dos poços do pré-sal, pelos processos modernos e avançados tecnoló-

gicos utilizados pelas empresas, e pela qualidade físico-química do óleo — explicou Fernanda Delgado.

A diretora do IBP comentou o papel da indústria de óleo e gás nos esforços rumo a uma economia de baixo carbono:

— A indústria de óleo e gás é participante da transição energética. Não existe um futuro descarbonizado sem a participação do setor de hidrocarbonetos. A transição acontecerá a partir da tecnologia e de todo o processo de inovação da indústria de óleo e gás.



Fernanda Delgado destaca o papel da indústria de óleo e gás

Setor contribui na conservação florestal

Especialistas discutem expansão das concessões e desenvolvimento a partir da biodiversidade



Davi Bomtempo e Marcelo Thomé falam das iniciativas da indústria

O painel “Iniciativas da indústria para uma economia de baixo carbono” reuniu o presidente do Instituto Amazônia+21, Marcelo Thomé; a gerente de Meio Ambiente, Responsabilidade Social Corporativa e Transição Energética da Engie, Flávia de Oliveira Teixeira; o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Márcio de Lima Leite; e o gerente executivo de Meio Ambiente e Sustentabilidade da CNI,

Davi Bomtempo, com moderação do diretor geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Rafael Lucchesi Ramacciotti.

No debate “Contribuições da indústria para a conservação florestal”, foram abordados pontos como a expansão das áreas de concessões florestais, a implementação do Código Florestal e o desenvolvimento de produtos a partir da biodiversidade. O encontro foi mediado por Gustavo Pinto Coelho de Oliveira,

presidente da Federação das Indústrias do Estado do Mato Grosso (Fiemt), com participação de Jefferson de Oliveira Gomes, diretor de Inovação e Tecnologia do Senai; Mariana Lisbóia, líder global de Relações Corporativas da Suzano; Joana Maestri Karoleski, presidente do Fundo JBS pela Amazônia; e José Luis Gordon, diretor-presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii).

Neutralidade climática foi o tema do painel me-

diado pela diretora de Relações Institucionais da CNI, Mônica Messenberg Guimarães. Participaram Karen Vasconcelos da Costa, líder de Relações Governamentais e Assuntos Corporativos da Tetra Pak; Marina Muniz Rossi, gerente de Mudança Climática da Braskem; Guilherme Corrêa Abreu, gerente geral de Sustentabilidade da ArcelorMittal; e Victor Bicca, diretor de Relações Governamentais da Coca-Cola América Latina.

CONTEÚDO PATROCINADO PRODUZIDO POR **GLB.GLOBO.COM**